

A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO EM GEOGRAFIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: notas de uma experiência

Aloysio Marthins de Araújo Junior*

Leila Procópio do Nascimento**

Santiago Alves de Siqueira***

Juliana Cristina Bertoloto****

Bruno Franklin Lopes Gaspar*****

Resumo

A dificuldade em encontrar um diálogo entre a Universidade e a Educação Básica é uma das reclamações frequentes, principalmente entre os professores do Ensino Fundamental ou Médio. Por seu turno, o estímulo à pesquisa fica restrito à universidade. Assim, buscou-se a partir de um projeto de extensão, fazer esta interlocução entre professores que trabalham com a formação docente e os professores que atuam em unidades de ensino básico. Este diálogo se deu na produção de material didático-pedagógico a partir de algumas dificuldades encontradas pelos professores de geografia. Normalmente tais professores têm o livro didático como única ferramenta para transmitir os conteúdos aos alunos, o que torna, por vezes, as aulas de geografia pouco estimulantes aos alunos (e aos professores). A ideia e o material produzido foram pautados nas necessidades de alunos e professores e tinham que ser significativos para os agentes envolvidos. Dessa forma, seguindo os pressupostos da geografia crítica, a metodologia do trabalho se constituiu na construção de materiais e atividades pedagógicas para a disciplina de geografia, de forma integrada, num círculo entre universidade-escola e vice-versa. Portanto, o objetivo foi produzir material didático-pedagógico para estudantes do Ensino Fundamental numa escola da rede oficial de ensino de Florianópolis, Santa Catarina. Como resultado da experiência, o projeto se mostrou viável e ficou claro também que a aproximação da Universidade com a Escola Básica é necessária e possível. O objetivo do artigo é expor como se deu o processo de construção de material didático.

Palavras-Chave: Escola Básica. Material didático-pedagógico. Geografia.

*Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: aloysio@ced.ufsc.br

** Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: leila.ced.ufsc@gmail.com

***Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor da Escola Básica Municipal Batista Pereira (Florianópolis). E-mail: santiago@santiago.pro.br

**** Acadêmica do curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: juju_ufsc@yahoo.com.br

***** Acadêmico do curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: bruno-franklin@hotmail.com

PRODUCTION OF EDUCATIONAL MATERIALS IN GEOGRAPHY-TEACHING FOR ELEMENTARY SCHOOL: notes of an experience

Abstract

The difficulty in finding a dialogue between the University and the Basic Education is one of the frequent complaints, especially among elementary school teachers or Junior High School teachers. In turn, stimulating research is restricted to the university. Thus, based on an extension project, we sought to make this dialogue between teachers working with teacher training and teachers working with elementary education. This dialogue took place through the making of pedagogical-didactic material, which had as a starting point some difficulties encountered by Geography teachers. Usually the teachers have the textbook as the only tool to transmit the contents to the students, which makes geography classes not very stimulating to the students (and teachers). The idea and the materials produced were based on the students' and teachers' needs and had to be meaningful to those involved. Thus, following the assumptions of critical Geography, the work methodology consisted of making educational materials and activities for the discipline Geography, in an integrated manner, in a circle between university-school and vice versa. Therefore, the aim was to make pedagogical-didactic material for elementary school students of a school of the teaching official network of Florianópolis, Santa Catarina. As a result of the experience, the project proved feasible and also became clear that the approximation of the University with the Basic School is necessary and possible. The purpose of this article is to explain the process of making didactic materials.

Keywords: University. Basic School. Educational material. Geography.

Introdução

Este artigo descreve e reflete sobre o processo de elaboração de material didático-pedagógico em geografia voltado ao Ensino Fundamental. O projeto, intitulado “Produção de material didático-pedagógico em geografia para o Ensino Fundamental”, contou com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão, da Universidade Federal de Santa Catarina.

A ação de extensão iniciou-se como projeto piloto, tendo como objetivo produzir materiais didático-pedagógicos que pudessem ser utilizados, principalmente, por docentes atuantes na Escola Básica, por professores em início de carreira e por estagiários docentes, dedicados ao Ensino Fundamental na área do ensino de geografia.

A proposta partiu do princípio de que muitos recursos não estão disponíveis aos professores da escola básica, particularmente as de caráter público. Ou, quando existentes, não estão sistematizados e organizados.

Nas escolas, de modo geral, o ensino de geografia tem ainda resquícios de uma ciência “tradicional”, voltada para a “memorização” de dados, excluindo ou dando pouca atenção aos processos históricos, políticos, sociais, espaciais, econômicos etc.

Atualmente, a utilização de materiais didáticos nas escolas, notadamente as públicas, tem-se voltado basicamente aos livros didáticos. Há de se ressaltar que o livro didático em si não é ruim. O problema é quando se torna a única ferramenta de trabalho do professor. Mesmo em estados ou municípios com maiores recursos, isto é ainda praticado. Por vários motivos, cuja intenção deste artigo não é discuti-los, ainda faltam outras ferramentas pedagógicas aos professores, tais como: vídeos educativos, textos voltados à linguagem específica do Ensino Fundamental, oficinas de criação, páginas na internet, entre outros.

Dessa maneira, a concepção de criar materiais pedagógicos específicos às necessidades dos professores da rede oficial de ensino do município de Florianópolis surgiu em decorrência de que alguns destes professores eram pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia (Nepegeo)¹. Também se originou pela experiência dos professores atuantes no ensino superior em disciplinas voltadas à formação de professores, tais como Metodologia do Ensino de Geografia e Estágios Obrigatórios. Além disso, vários estagiários, recém-formados ou os próprios docentes das escolas que recebem os citados estagiários se queixavam da pouca disponibilidade de materiais diferenciados para suas aulas ou ainda da distância (não física) entre a Escola Básica e a Universidade. Dessa maneira a participação dos professores da escola envolvida com o projeto foi fundamental para a viabilização desta proposta.

O projeto “Produção de Material Didático–Pedagógico em Geografia” foi realizado pela equipe do Nepegeo, como uma ação de extensão, cujo desenvolvimento foi conduzido por uma equipe composta por estudantes de graduação em geografia (Licenciatura) e de Pós-Graduação em Geografia e em Educação, regularmente matriculados na Universidade Federal de Santa Catarina.

Todo este processo – escolha da instituição de ensino básico, reuniões de trabalho com os professores da escola, definição dos temas a serem trabalhados, pesquisa de materiais, aplicação e avaliação dos produtos com alunos e professores - durou aproximadamente seis meses, de abril a outubro de 2011.

¹Este laboratório é uma ação conjunta do Departamento de Metodologia de Ensino/Centro de Ciências da Educação, do Departamento de Geociências/Centro de Filosofia e Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O Nepegeo tem por objetivo desenvolver atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão voltadas para os processos de formação inicial, formação permanente e atuação dos profissionais de Geografia no Ensino Básico e Superior (Disponível em: <<http://www.nepegeo.ufsc.br>>).

Geografia e Ensino

Tendo em vista a dificuldade de educadores em encontrar formas diferenciadas, criativas e eficientes para o processo ensino-aprendizagem de geografia, por estarem sobrecarregados com horas-aula, pela baixa oferta de programas de formação continuada², entre outras questões, houve a necessidade de criar um diálogo mais estreito entre as escolas e a universidade, no caso a UFSC. Desta forma, graduandos e pesquisadores universitários puderam contribuir no desenvolvimento de atividades lúdicas, artísticas e audiovisuais, para um ensino mais dinâmico, eficaz e que fizesse sentido aos alunos do ensino básico.

Além do mais, ao observar as aulas de geografia em diferentes escolas, é notório o desânimo de alguns professores em ensinar, devido a vários fatores, tais como: baixa remuneração, ausência de estímulos à carreira docente, falta de estrutura e de reconhecimento por parte de pais e comunidade escolar, entre outros motivos. Também se observa a pouca motivação dos alunos em aprender, pois há um distanciamento entre o que se ensina e o que se vive. Mas, como diz Kaercher (2004, p. 20) (...) “gostemos ou não, saibamos ou não, para existir fazemos geografia todos os dias”. E prossegue o autor:

Queremos apenas enfatizar que a Geografia, ainda que, como disciplina escolar possa, muitas vezes, parecer insípida, e até desagradável para os alunos, é uma prática social inerente – e permanente – a todo e qualquer agrupamento humano. Ou se faz a Geografia e se transforma o espaço, a natureza, ou se perece. Bom, portanto, que haja um espaço-tempo permanente, num lugar chamado escola, para se pensar a geograficidade de nossa existência (KAERCHER, 2004, p. 21).

Outro importante aspecto a considerar é a já reconhecida necessidade do uso de diferentes linguagens em sala de aula (gêneros textuais, audiovisuais, linguagem cartográfica entre outras), pois estas práticas possibilitam aos alunos fontes alternativas de aprendizagem.

Nesta perspectiva, as múltiplas linguagens e seus usos se apresentam, também, como possibilidade para auxiliar o trabalho pedagógico do professor da escola básica na elaboração, confecção e aproveitamento/avaliação dos materiais didáticos desenvolvidos. Em suma, um

² A formação continuada poderia, por exemplo, auxiliar o professor no domínio dos possíveis usos que os materiais didáticos produzidos possam oferecer. No que se refere à utilização dos materiais didáticos (...) “o professor deve ter domínio do uso que fará e também ser seletivo na organização da aula” (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p. 65).

repositório de ideias cujo objetivo não se distancia da proposição de um ensino público de melhor qualidade e que possa, assim, atingir sua função social.

A escola é uma instituição que tem um objetivo bastante claro: permitir o desenvolvimento das potencialidades e capacidades físicas, afetivas e de conhecimentos dos estudantes. Isto se dá por meio de diferentes processos de ensino e aprendizagem, dentro de cada contexto escolar e social onde está inserida. De acordo com Libâneo (2005, p. 117):

Devemos inferir, portanto, que a educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola promove, para todos, o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos.

É preciso considerar ainda que a escola (assim como outros agentes sociais) é responsável pela promoção do desenvolvimento para a cidadania, no sentido lato da palavra. Então, cabe a ela, enquanto espaço de estímulo e fortalecimento de capacidades, definir-se pelo tipo de cidadão que deseja formar.

Contudo, nem sempre a escola pode realizar seu papel de um dos agentes de transformação social e humana. Segundo Saviani (2008), a educação deveria ser o instrumento para as escolhas do homem livre, democrático, cidadão e autônomo. Ela acaba então se tornando mais uma ferramenta de manipulação e de pasteurização do pensamento e ação crítica da sociedade. A escola, por vários motivos que fogem ao escopo deste artigo, passa a legitimar as diferenças sociais e marginaliza, ao contrário de confrontar, a luta contra a ideologia das classes dominantes, os direitos dos seres humanos, o conhecimento, que deve ser universal e possibilitado a todos.

A escola deve ser o *locus* privilegiado, onde o estudante pode se aperceber de suas potencialidades, e cabe ao professor e a instituição educacional permitir que o educando se desenvolva plenamente. Para isso é preciso dar as condições necessárias, tanto em termos de infraestrutura, como em recursos humanos e didáticos significativos aos alunos e aos professores.

Tendo em vista tais aspectos, e ao entrar em contato com professores da rede oficial de ensino da prefeitura de Florianópolis e propor-lhes um trabalho que criasse materiais didáticos, buscava-se também uma inserção na escola que estimulasse alunos e professores, sem reproduzir esquemas de verdade absoluta, mas, sobretudo, com a preocupação de estabelecer um diálogo entre o ensino básico e o ensino superior.

Aportes Metodológicos

A Geografia nasceu como ciência descritiva. Sua origem remonta à Antiguidade Clássica, grega, primeira civilização a registrar em documentos os conhecimentos sobre os lugares. Todavia, até o século XVIII este conhecimento não era sistematizado.

Com os relatos de viajantes, os mapas aparecem como traços que delimitavam continentes e oceanos, ou seja, incorporavam estes conhecimentos como ilustração natural do mundo. Surgem as representações gráficas das fronteiras, que são linhas e espaços vazios que, internamente, formam os países; porém, estes limites não são fixos, são resultados da construção da história humana em determinado período histórico.

O ensino geográfico institucional mantém seu valor cultural informativo, mas nós professores, podemos encaminhar estratégias metodológicas tendentes a que se afirme seu valor significativo nos processos de aprendizagem. Nessa busca, os métodos e as técnicas aplicados em aulas de geografia são permanentemente revisados com o fim de convertê-los em elementos facilitadores da aprendizagem (SOMMA, 2003, p. 165).

A ciência geográfica tem por objeto as relações entre a sociedade e a natureza – desde os aspectos físicos (relevo, clima, fauna, flora, entre outros) até os humanos (economia, transportes, agricultura etc.). Estes são apenas alguns aspectos que podem ser trabalhados com os estudantes da escola básica.

O livro didático

Não se pretende neste espaço exaurir a questão sobre o uso do livro como recurso didático, pois isto está bastante explorado na literatura. No entanto é importante ressaltar que sua utilização ainda é uma ferramenta que faz parte do cotidiano de muitos professores e estudantes brasileiros.

O livro didático, como material impresso, é conhecido desde o século XVII. O volume de obras aumenta a partir do século XIX e estava vinculado à divisão e sistematização das ciências (positivismo), à formação de mão de obra para a expansão capitalista e à

homogeneização de faixas etárias. No Brasil, até 1808, os livros didáticos vinham de Portugal (que os importavam da França), pois a produção nacional era escassa.

Mais de um século depois, na década de 1930 em diante – com a renovação da escola – o livro didático passa a ser o grande veiculador do ideário do Estado Novo (segurança nacional, brasilidade, ordem da Nação etc.).

Já nas duas últimas décadas do século XX há, por parte dos governos federais, maior incentivo à produção, e o seu uso é cada vez mais estimulado. Assim, desde o início dos anos 1980 foram criados vários programas nacionais para a adoção de livros didáticos. Porém, quase todos estes programas não obtiveram o sucesso esperado devido aos custos elevados de produção, falta de preparo de professores, reduzidos recursos por parte das secretarias estaduais etc. Por seu turno, nos anos 1990, os programas criados para a utilização do livro didático tinham pouca participação de professores e alunos.

Ao longo do tempo, o livro didático se transformou em um modelo a ser seguido. Lajolo (1993) e Meserani (1995) indicam que os livros didáticos brasileiros trazem conteúdos que afirmam e reafirmam uma ideologia conservadora e alienante: a ideia de pátria grande; de o brasileiro ser a junção de três povos convivendo em harmonia; que o trabalho é dignificante (e por isto mesmo, as condições de trabalho seriam secundárias). Observa-se ainda muitas incorreções de conteúdos e vários deles subestimam a inteligência do leitor. Percebe-se também que os livros didáticos, em geral, alienam a tarefa do professor por se tornar uma única ferramenta de trabalho.

Nos livros atuais verifica-se que há grande semelhança entre os conteúdos dos planos de aula e do livro didático; além disso, o professor elabora suas aulas a partir do livro ou pelo guia curricular, no qual o autor também se apoia e raramente o professor compara várias obras. Todavia, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) indicam maior flexibilidade dos currículos, o que tem contribuído para uma nova visão acerca da relação professor *versus* escolha do livro didático.

A realidade educacional (e social) brasileira tem mostrado que o livro didático continua sendo o recurso mais utilizado em sala de aula (se não o único) e fonte de atualização de professores. Há, portanto, a necessidade de valorização do professor e de sua formação e de um trabalho coletivo. Para tanto o professor deve estimular a leitura, a pesquisa e discutir com os alunos os conteúdos e possibilitar novas leituras da realidade.

O caminho percorrido: metodologia da proposta, recursos e execução

A metodologia de um trabalho científico é o caminho pelo qual o investigador exerce seu pensamento e prática na abordagem da realidade. A metodologia inclui as diferentes interpretações teóricas acerca de um determinado problema, sendo o conjunto de técnicas os instrumentos de compreensão da realidade que cerca o pesquisador.

No campo teórico buscou-se como referencial o materialismo histórico-dialético, apoiando-se na concepção dinâmica da realidade e das relações entre sujeito e objeto, entre conhecimento e ação, entre teoria e prática. Esta concepção privilegia experiências, práticas, processos históricos, discussões filosóficas ou análises contextualizadas.

O projeto executado se insere no grupo de preocupações que estuda os problemas de ensino, e, mais especificamente, as concepções e práticas docentes vinculadas com a Geografia Crítica, que tem por pressuposto conceitual a Formação Sócio-Espacial. Considera-se ainda que esta corrente pretende desvendar, mais que o conflito das interpretações, o conflito de interesses. É fundada na lógica interna do processo e nos métodos que explicitam a dinâmica do todo com as partes e vice-versa, e as contradições internas dos fenômenos. Busca ainda explicar as relações entre homem-natureza e entre reflexão-ação.

O processo de elaboração dos recursos didáticos consistiu na pesquisa, seleção e elaboração de material que se transformou em texto de apoio para os estudantes, dramatização da situação e na criação de um sítio na internet (página oficial do Nepegeo).

Para se chegar à produção do material, foi necessário seguir algumas etapas: I) estabelecer contato com professores do Ensino Fundamental em escolas públicas da Região Metropolitana de Florianópolis; II) realizar entrevistas com os professores participantes para saber quais materiais didático-pedagógicos mais careciam ou que gostariam que fossem desenvolvidos; III) definir, junto com os professores participantes, qual ou quais anos do Ensino Fundamental seriam mais apropriados para se dedicar a esta tarefa e; IV) a partir destas necessidades, a equipe pesquisaria em diversas fontes bibliográficas e outras formas de materiais didáticos quais seriam mais pertinentes à produção.

Depois das discussões sobre as definições (quais as turmas na escola seriam envolvidas, quais os conteúdos seriam trabalhados, qual o tempo disponível para as atividades etc.), o projeto foi sendo executado de acordo com a capacidade dos professores da escola

básica, da universidade e dos acadêmicos envolvidos³. A realização do projeto foi dividida em fases:

1) Por intermédio do professor Santiago Alves de Siqueira, professor da escola e colaborador no projeto, foi estabelecido um diálogo com os professores de geografia da Escola Básica Municipal Batista Pereira, localizada no distrito do Ribeirão da Ilha, na cidade de Florianópolis, SC. Foram debatidos, em seguidas reuniões, o objetivo do projeto e como poderia ser viabilizado na elaboração de materiais didáticos. Os professores Ana Paula Bressan e Felipe Bogucheski Maciel logo se apropriaram da proposta, expondo que realmente encontravam dificuldades em elaborar materiais didáticos, além do próprio livro-texto. Ficou então decidido que a produção destes materiais seria direcionada às sextas séries do ensino fundamental.

2) Para a elaboração dos materiais foi fundamental a equipe conhecer o ambiente escolar. Para tanto, foram realizadas visitas de observação das turmas envolvidas, assim como o estudo dos planos de ensino dos professores da escola.

Todavia, a produção de materiais esbarrou em vários aspectos: tanto os professores, quanto os estudantes da universidade tinham seus compromissos acadêmicos; os conteúdos ministrados na escola básica são dinâmicos, ou seja, é preciso cumprir com o cronograma, realizar atividades avaliativas etc. Assim, o terceiro trimestre de 2011 se aproximou rapidamente, e o conteúdo a ser trabalhado pelos professores no trimestre seguinte seria “A identidade brasileira”, mais especificamente, “A diversidade do povo brasileiro (etnia, cultura, gênero etc.)”, de acordo com seus respectivos Planos de Ensino em Geografia.

Nesse momento foi preciso que a equipe do Nepegeo se aprofundasse na pesquisa destes conteúdos e realizasse seguidas reuniões para discuti-los. Isto não foi uma tarefa fácil, pois elencaram-se várias possibilidades a serem trabalhadas em sala de aula, como textos, jogos, vídeos, teatro e músicas. Buscava-se algo que não fosse comum, que pudesse realmente fazer sentido aos alunos - e aos professores da escola envolvidos.

Uma das bases importantes para a pesquisa foi o documentário “O Povo Brasileiro” de Darcy Ribeiro⁴, realizado a partir do livro do mesmo autor e publicado em 1995. A obra retrata um panorama mundial, cultural e humano do processo imigratório para o Brasil e seus reflexos no espaço.

³Exceto os dois acadêmicos de graduação que recebiam uma bolsa de estudos, os outros participantes se inseriram em caráter voluntário.

⁴Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-du4gtIutn8>>.

Ao lidar com uma temática sujeita a estereótipos, a equipe se empenhou em anular possíveis preconceitos e temas clichês, como “a descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral”, “o extermínio dos índios”, “a escravidão”. Não que esses temas não sejam relevantes, mas buscava-se mais do que transmitir informações, construir um pensamento histórico-espacial, global e humano, e suas consequências no território brasileiro.

Dessa forma, para a execução do projeto, os integrantes da equipe se apoiaram em dois documentos oficiais: a Proposta Curricular da Prefeitura Municipal de Florianópolis, de 2008, e os Parâmetros Curriculares Nacionais - Geografia, de 1998. Este último documento afirma que:

(...) o ensino da geografia deve conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classes sociais, de crença, de sexo, de etnia ou de outras características individuais e sociais (BRASIL, 1998, p. 7).

Os alunos da sexta série, em sua maioria, tinham entre 12 e 13 anos, ou seja, jovens, com a criatividade, emoções e sentimentos muito latentes; dessa maneira era necessário grande esforço em criar algo compatível com estes aspectos.

As coisas todas só atraem a juventude quando adequadas à sua idade e quando as explicações são muito claras e intercaladas com algumas amenidades ou com assuntos menos sérios, mas sempre aprazíveis. É isso que significa unir o útil ao agradável (COMENIUS *apud* WALKER, 2001).

O processo de ensino durante este setênio (7-14 anos) consiste em trabalhar com o sentimento da criança, em apelar à sua fantasia criadora e em aumentar essas forças com imagens que transmitam o que se pretende aprofundar posteriormente. Aliada aos conceitos fundamentais da ciência geográfica, a execução final do projeto deveria envolver uma atividade lúdica, associada ao ensino de geografia.

De tais princípios e reflexões, aflorou a ideia da elaboração de um teatro de bonecos, no qual cada “personagem” (boneco) seria proveniente de um país, e contaria aos alunos o panorama da saída de seu território, aspectos culturais e históricos, até chegar ao Brasil. Como indica Kaercher (2004, p. 20), num certo diálogo:

E tu ancião, conta-me teus trabalhos, conta-nos com toda franqueza, de sorte que fique bem informado. *Quem és? De onde vens? Qual a tua cidade? Onde moram teus genitores? Em que nau vieste? Como é que os marinheiros te trouxeram a Ítaca? Pois não creio que tenhas aqui chegando a pé* [grifos dos autores].

Por este trecho, percebe-se que são várias questões filosóficas, mas também contemplam conteúdos de geografia. O processo de ensino-aprendizagem exige também a relação entre o discurso e a prática. Assim, é necessária uma tomada de consciência de que as ações são importantes para criar uma cultura de responsabilidade junto aos educandos.

Nesse momento de definição, o grupo concluiu que seria necessário buscar outras ferramentas, além da própria geografia, para dar conta dos objetivos elencados. Portanto, além das ferramentas específicas da ciência geográfica, a proposta metodológica para a atividade teatral se deu numa perspectiva ludopedagógica. Nesse sentido, brincar nas escolas com os estudantes do Ensino Fundamental é uma atividade pedagógica que incorpora o lúdico como ferramenta de ensino.

De acordo com o Plano de Ensino da disciplina de Geografia da E. B. M. Batista Pereira, o tema trabalhado no primeiro semestre de 2011 pelos professores foi “O lixo e questões ambientais”. Para o teatro de bonecos, coerentemente, os materiais utilizados foram reciclados, possibilitando ao professor fazer *links* entre os temas trabalhados, e estimulando a criatividade e vivência dos conteúdos ensinados. Além do mais, tal alternativa pode incentivar a transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade em outras oportunidades futuras. Estas devem ser estimuladas de maneira a proporcionar uma compreensão integrada dos fenômenos naturais e sociais com outras áreas do conhecimento, considerando-se sempre o recorte geográfico da realidade. Como afirma Somma (2003, p. 162): “É difícil para o professor ensinar e investigar simultaneamente, mas é possível realizar uma ação reflexiva que indique uma atitude de permanente busca de elementos que facilitem o ensino”.

A proposta metodológica para a atividade teatral numa perspectiva ludopedagógica foi realizada numa forma em que os alunos e os docentes tivessem acesso à forma de construção do teatro. Pesquisas apontam que a metodologia de jogos nas atividades de ensino é aplicada há algum tempo por diferentes agentes. Segundo Japiassu (2005, p. 2),

(...) os jogos teatrais - do modo como vem sendo aplicados na escolarização brasileira, hoje - acrescentam, aos quatro operadores que estruturam o sistema de Spolin (foco, instrução, platéia e avaliação), três novos procedimentos: (1) o círculo de discussão - importado da pedagogia do

oprimido de Paulo Freire; (2) a noção de área de jogo - construída sobre as idéias do teatro invisível de Boal; e (3) os protocolos de sessão - que têm sua base na teoria da peça didática de Brecht e na prática terapêutica psicodramática de Moreno. (...) O trabalho pedagógico com o portfólio busca, portanto enfatizar a autonomia e auto-consciência do escolar através do traçado de um percurso único, singular e insubstituível na apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados e na (co)laboração de novos saberes a respeito da linguagem teatral. A adoção do portfólio como recurso didático-pedagógico representa um claro posicionamento por parte do professor - e da escola - em relação às práticas avaliativas; trata-se de uma opção por uma avaliação mediadora ou formativa - uma compreensão do processo ensino-aprendizado que vai muito além da mera verificação retrospectiva dos saberes consolidados por parte do aluno.

Por estes parâmetros, a equipe decidiu representar alguns conteúdos constantes no plano de ensino dos professores de ensino fundamental que pudessem ser apropriados pelos alunos de uma maneira diferenciada, mas que fossem ao mesmo tempo instrutivos e estimulantes.

O tema abordado na peça foram as imigrações e os reflexos que estas tiveram na constituição do povo brasileiro. Foram selecionados povos oriundos de Portugal, de países africanos (sem especificar quais), Holanda, Suíça, Alemanha, Itália, Espanha, Japão, França e Oriente Médio, também sem detalhar quais foram.

Para a construção dos personagens foram utilizados materiais descartáveis como garrafas *pet* e pedaços de tecidos, ilustrados conforme a característica da localidade que era abordada. Aliados aos personagens, foram criados e apresentados *slides* com figuras, mapas e ilustrações, acompanhados por uma trilha sonora que distinguia ainda mais cada povo caracterizado⁵.

O acesso a diferentes informações disponíveis na rede mundial de computadores também torna o trabalho do professor um pouco mais fácil. Em poucos minutos ele pode conseguir milhares de imagens, figuras, mapas etc., que podem ser utilizados em sala de aula. Dessa forma, para a construção dos *slides* foram utilizadas imagens retiradas do *sítio* <<http://images.google.com.br/>> as quais representavam os povos a serem discutidos. Sequencialmente foram abordadas, no início, imagens de povos indígenas; posteriormente mudavam-se os povos a serem teatralizados na apresentação.

⁵Nesta situação, a ideia geral era representar que o povo brasileiro é formado pela junção de vários povos que aqui chegaram. Os conteúdos mais críticos sobre igualdade e desigualdade sociais e econômicas vividas pelo país ficaram a cargo dos professores da escola, pois a proposta era auxiliá-los com recursos que normalmente não utilizavam.

A atividade teatral consistiu na apresentação da bandeira atual do respectivo país e sua localização; ao mesmo tempo, num segundo plano, era mostrado o mapa-múndi com uma flecha sinalizando o deslocamento da localidade original para o Brasil. Essa parte foi muito interessante para as crianças, pois elas tentavam descobrir, através da bandeira, de onde era o personagem. Em seguida foram mostradas fotos de locais e costumes dos povos apresentados.

Para a trilha sonora foram utilizadas músicas tradicionais que remetessem à localidade apresentada. No início foi utilizada uma flauta (tocada ao vivo) para associar ao povo indígena. Após esta apresentação foram utilizadas várias músicas para representar os respectivos povos: para Portugal foi utilizada a canção “Fado Tropical”⁶, composta por Chico Buarque e Ruy Guerra durante os anos 1970, em plena vigência do regime militar no Brasil. Este fado, além de ser um ritmo tradicional português, contém uma letra profunda que cita a colonização do Brasil.

Para os povos africanos foi utilizada a música “Paranaue”⁷, muito popular nas rodas de capoeira Angola⁸. Nesta música, o som de berimbau remete aos escravos, que praticavam seus costumes em terras brasileiras.

O ritmo da “polka” da “Volksmusik” musicou o plano de fundo para os alemães⁹. Em relação aos italianos foi utilizada a “Tarantela”¹⁰, gênero musical bastante popular, composto entre os séculos XIV e XV na região da Campania, Itália. Seu nome provém de Taranto, cidade da região da Puglia, no sul da península itálica.

Na representação da cultura espanhola foi utilizado o ritmo flamenco. A canção escolhida foi “Entre dos Águas”, de Paco de Lucia, e gravada em 1976¹¹.

Em relação aos japoneses foi utilizada uma música tradicional “Ataka no Matsu”¹²; enquanto que para os franceses foi utilizada uma parte da ópera “O Pescador de Pérolas”¹³ de Georges Bizet, publicada em 1873 e intitulada “Je crois entendre encore”.

⁶ Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/chico-buarque/71165/>>.

⁷ Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/abada-capoeira/paranaue.html>>.

⁸ A capoeira surge entre o final do século XVII e início do XVIII, tendo seu auge na segunda metade do século XIX. Pode-se afirmar que a capoeira é uma arte “marcial” brasileira, de origem africana, uma dança-luta, que foi criada e desenvolvida pelos negros escravizados, inspirada pela necessidade de liberdade dos mesmos. Numa roda de capoeira podem ser utilizados vários ritmos. Os mais comuns são: Angola, que tem um toque mais lento; São Bento grande de angola também tem o mesmo toque lento do angola; São Bento grande regional, de toque mais rápido; Cavalaria, toque de aviso. Na época que a capoeira era proibida, avisava o capoeirista que a polícia montada estava chegando; Iúna, cujo toque imita o canto do pássaro de mesmo nome e só é jogado por professor e mestre (CAPOEIRA: A DANÇA-LUTA BRASILEIRA. Disponível em: <<http://www.pime.org.br/mundoemissao/indigenascapoe.htm>>).

⁹ Disponível em: <http://pt.delicast.com/radio/Alemanha/Alpenradio_Volksmusik>.

¹⁰ Disponível em: <<http://italiasempre.com/verpor/tarantellacom2.htm>>.

¹¹ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=0o8vszqVL2U>>.

Para os povos do Oriente Médio foi apresentado aos estudantes o *snuj*, instrumento árabe semelhante a uma castanholha; e finalizando a peça, foi tocada a música “Aquarela do Brasil”, escrita pelo compositor Ary Barroso, em 1939¹⁴.

A intenção destas atividades visuais e musicais era chamar a atenção dos alunos, pois se supunha que eles já conheciam, ou ao menos, tinham ouvido falar desses ritmos¹⁵. Assim, durante a execução das atividades na escola, eram nítidos a curiosidade, o interesse e a participação dos alunos, expressos em forma de perguntas, de risadas ou de exclamações.

Foi notória a grande aceitação da atividade por parte dos alunos que, visivelmente, interagem constantemente durante a apresentação. Isto revela, também, uma melhor e mais qualificada apreensão dos conteúdos - já discutidos pelos professores - naquele momento.

No entanto, isto somente pode ser confirmado com o professor responsável pela disciplina. Assim, finalizada a execução das atividades propostas, a equipe do Nepegeo e os professores envolvidos fizeram uma avaliação do projeto. De acordo com o professor Filipe Bogucheski Maciel,

(...) o trabalho realizado foi bem sucedido já que conseguiu executar as propostas iniciais através de atividades que auxiliassem no processo ensino-aprendizagem utilizando-se de recursos e metodologias diferentes daquelas aplicadas por mim durante minha prática pedagógica. Neste sentido, mostrou-me novas possibilidades e despertaram-me outros sentidos no momento de planejar e preparar as aulas.

Ainda de acordo com seu relato, a reação dos alunos durante a apresentação teatral foi de que a atividade gerou grande interesse. Como consequência, a compreensão dos alunos sobre o tema ficou facilitada e pôde ser percebida nas aulas seguintes, quando se deu prosseguimento a este conteúdo e quando foi necessário relacioná-lo a outros.

¹² Disponível em:

<[¹³ Disponível em: <<http://blogdofavre.ig.com.br/2009/09/o-pescador-de-perlas-2/>>.](http://www.lastfm.es/music/Ensemble+Nipponia/_/Ataka+no+Matsu+(The+Pine+Tree+at+Asaka)>.</p></div><div data-bbox=)

¹⁴ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=9KAZXO5UbnU>>.

¹⁵ A intenção foi introduzir a pluralidade de povos imigrantes; por isso mesmo utilizaram-se ritmos mais conhecidos para facilitar a identificação de cada um deles. Posteriormente os professores trabalhariam mais aprofundadamente a questão da imigração no Brasil e o papel dos imigrantes na formação social e econômica brasileira.

Conclusões

A prática docente é uma sucessão particular de construção de conhecimentos técnico-científicos associados à experiência e ao percurso pessoal do professor, para que o mesmo reinterprete, intervenha e crie modos de realizar ações educativas em situações de ensino e aprendizagem.

Há pouco mais de três décadas as condições de trabalho dos professores têm sido bastante precarizadas, normalmente com cargas horárias elevadas e baixos salários (além de outros problemas). Nesse caso, o professor da escola básica (em conjunto com os estudantes) não se torna produtor de novos conhecimentos, mas reprodutor de outras situações, por vezes distante de sua região, da comunidade na qual está inserido. A atividade investigativa fica restrita às universidades, reafirmando uma elitização do ensino e da produção científica acadêmica.

A aproximação entre as escolas de ensino básico e a universidade quase sempre esteve presente entre as demandas dos professores, particularmente por parte das primeiras, sendo a expectativa dessa aproximação a qualificação do ensino público.

Nesse sentido, o projeto aqui apresentado procurou através dessa aproximação ampliar e fortalecer diálogos entre a Universidade Federal de Santa Catarina com uma das demais instituições de ensino oficial do município de Florianópolis. Esse diálogo culminou em uma presença mais efetiva do saber científico nas escolas, em especial a Escola Básica Municipal Batista Pereira. Este saber, de forma didatizada, contribuiu na criação e execução de um novo recurso pedagógico para aquela unidade de ensino, e a partir dos conteúdos propostos pelos professores, se traduziu numa apresentação teatral lúdica, na forma de um teatro de bonecos.

Este projeto se mostrou viável e tornou-se importante instrumento para avaliação das condições de execução dos conteúdos que são ministrados no curso de Licenciatura em Geografia da UFSC. Mostrou também que a aproximação da universidade com a escola básica é possível e traz inúmeros benefícios para todos os envolvidos. Os professores e a equipe do Nepegeo também consideraram que o projeto executado foi uma pequena contribuição ao ensino de geografia, e que a aproximação do Ensino Superior com a Escola Básica pode, sim, auxiliar, motivar e qualificar o ensino de Geografia como um todo.

A participação dos professores da rede pública foi importantíssima, pois são eles que lidam diretamente com os alunos do Ensino Fundamental. Além destes aspectos é

necessária uma maior interlocução e parceria entre a Universidade e a Escola Básica. Tem-se ainda a concepção de que o professor – em todos os níveis – deve ser também um pesquisador. Dessa forma, este projeto estimulou os professores da rede oficial de ensino a refletirem quais possibilidades e dificuldades em se tornarem professores-investigadores.

Tais considerações remetem às reflexões que se inserem no ensino de geografia enquanto ciência próxima à sociedade e suas demandas pelo reconhecimento e conhecimento da realidade na qual está inserida. O processo educativo é um conjunto de ações, intervenções, decisões e processos. Tal conjunto não está isento de certo grau de intencionalidade e sistematização, que trata de modificar atitudes, ideias, culturas, conteúdos e práticas pedagógicas. Nessa perspectiva, as inovações educativas reconhecem diferentes cenários, isto é, variados tipos de transformações.

Com este projeto, esperou-se ter contribuído à formação inicial e continuada dos profissionais da educação e no aperfeiçoamento dos profissionais da área de geografia, fornecendo-lhes subsídios para que possam intervir em sua prática cotidiana no sentido de melhorar e qualificar sua atuação profissional, como também uma compreensão mais aprofundada e crítica do papel da educação escolarizada no contexto social.

A equipe do Nepegeo agradece o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina e da direção da escola. Saliente-se ainda a colaboração inestimável dos professores Ana Paula Bressan e Felipe Bogucheski Maciel, bem como seus alunos da Escola Básica Municipal Batista Pereira, que em muito contribuíram para a realização do projeto de extensão descrito nas páginas precedentes.

Referências

AQUARELA DO BRASIL. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=9KAZXO5UbnU>>. Acesso em: 09 set. 2011.

ATAKA NO MATSU. Disponível em:

<[http://www.lastfm.es/music/Ensemble+Nipponia/_/Ataka+no+Matsu+\(The+Pine+Tree+at+Asaka\)](http://www.lastfm.es/music/Ensemble+Nipponia/_/Ataka+no+Matsu+(The+Pine+Tree+at+Asaka))>. Acesso em: 09 set. 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 156p.

CAPOEIRA: a dança-luta brasileira. Disponível em:

<<http://www.pime.org.br/mundoemissao/indigenascapoe.htm>>. Acesso em: 03 maio 2012.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. *Ensino de geografia*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

ENTRE DOS ÁGUAS. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=0o8vszqVL2U>>. Acesso em: 09 set. 2011.

FADO TROPICAL. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/chico-buarque/71165/>>. Acesso em: 08 set. 2011.

GOOGLE IMAGENS. Disponível em: <<http://images.google.com.br/>>. Acesso em: 11 ago. 2011.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. *Metodologias do ensino de Teatro*. Procedimentos didático-pedagógicos na perspectiva de uma educação. Disponível em:

<<http://br.monografias.com/trabalhos913/metodologias-ensino-teatro/metodologias-ensino-teatro.shtml>>. Acesso em: 30 ago. 2011.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2004.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MESERANI, Samir. *O intertexto escolar: sobre leitura, aula e redação*. São Paulo: Cortez, 1995.

NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ENSINO DE GEOGRAFIA. Disponível em: <<http://www.nepegeo.ufsc.br>>. Acesso em: 11 ago. 2011.

O PESCADOR DE PÉROLAS. Disponível em: <<http://blogdofavre.ig.com.br/2009/09/o-pescador-de-perlas-2/>>. Acesso em: 09 set. 2011.

PARANAUE. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/abada-capoeira/paranaue.html>>. Acesso em: 08 set. 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Educação Fundamental. *Proposta Curricular*. Florianópolis, 2008, 217 p.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=du4gtlutn8>>. Acesso em: 08 set. 2011.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 40. ed. Campinas (SP): Autores Associados, 2008.

SOMMA, Miguel Ligüera. Alguns problemas metodológicos no ensino da geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. (Orgs.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 4. ed. Porto Alegre: AGB/Seção Porto Alegre, 2003.

TARANTELA. Disponível em: <<http://italiasempre.com/verpor/tarantellacom2.htm>>. Acesso em: 08 set. 2011.

VOLKSMUSIC. Disponível em:
<http://pt.delicast.com/radio/Alemanha/Alpenradio_Volksmusik>. Acesso em: 08 set. 2011.

WALKER, Daniel. *Comenius, o criador da didática moderna*. Juazeiro do Norte. HB Ed., 2001. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/didaticamagna.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2012.

Recebido em: maio de 2012
Aprovado em: outubro de 2012

